



GRÜN, Anselm; HALÍK, Tomás. *Livrar-se de Deus?: Quando a crença e a descrença se encontram. Introdução e mediação de Winfried Nonhoff*. Trad. Artur Morão. Petrópolis: Vozes, 2017. 218 p.

*Paulo Stippe Schmitt **

Livrar-se de Deus? Uma pergunta que nos coloca frente a uma possibilidade diante do entendimento da realidade e de sua significação, ao mesmo tempo em que descortina no horizonte de cada ser humano outra questão: O que você diz quando diz ‘Deus’? Os padres Anselm Grün, desde há muito conhecido no Brasil por suas obras de espiritualidade, e Tomás Halík, um tcheco que começou a ter as obras publicadas no Brasil em 2013 (*Paciência com Deus*), colocam esta pergunta num dos centros das questões entre crentes e ateus, mostrando como ambos os lados podem ser beneficiados com um caminhada comum, desde que se disponham ao desafio da busca. Ao lacônico “Deus morreu” nietzschiano, os autores propõem, numa postura dialogal e aberta: Que deus morreu? E mesmo veem os resultados positivos da morte de muitas imagens de Deus, porque “cada ateísmo refere-se a um tipo determinado de teísmo” (p. 20).

Ser um buscador, alguém intrigado pelo mistério, mesmo que daí resultem interpretações diversas: eis o ponto de união entre dois mundos que se tem por tão opostos – fé e descrença. Já na introdução, de Winfried Nonhoff – jornalista especializado em temas religiosos e instigador dos debates entre crentes e não-crentes – lê-se que a fé “em si alberga estruturalmente a descrença” e que a descrença possui “um significado purificador para a fé” (p. 9). Verdadeiras irmãs, dirão os autores ao final do livro, no capítulo formado por uma entrevista de Nonhoff com Grün e Halík. Serão os buscadores, os que lutam com Deus, os que mais se aproximam dele, os que deixam ser o mistério e não fecham suas portas em fundamentalismos, “pois tanto os descrentes altaneiros como os crentes autoconvencidos não buscam Deus” (p. 15). Doutro lado,

* Bacharel em Filosofia (Faculdade São Luiz, Brusque, Ano 2012). Bacharel em Teologia (FACASC, Florianópolis, Ano 2016). Especialista em Catequese – Iniciação à Vida Cristã (FACASC, Florianópolis, Ano 2017).





“em intrigante solidariedade, crentes e descrentes entregam-se à busca, fazem a experiência de uma irmandade na procura, sondam e ensaiam perspectivas para as viagens da sua vida” (p. 91).

Halík se mantém na teologia do paradoxo, que caracteriza seu pensamento. Daí uma postura aberta frente à realidade, para a qual dá uma interpretação a partir do mistério de Deus, mas entende e acolhe a opção de outros que, mesmo buscando, não dão às mesmas realidades igual resposta. E o autor anima-se com a proposta de Nietzsche: “Tenho acerca de tudo duas opiniões” (p. 17). E tal leitura da realidade é consonante com a contemporaneidade, em que “cresce o número dos que se poderiam chamar *simul fidelis et infidelis*, ou seja, pessoas nas quais se alternam os momentos de confiança e de ceticismo” (p. 22). O ser humano que olha para o cimo da montanha não vê somente Deus, mas também a nuvem que encobre a montanha (p. 217).

Os dois autores se dispuseram a compartilhar, logo nas primeiras páginas, um pouco de sua história de fé pessoal, donde se percebem logo as diferenças. Anselm Grün nasceu em família de tradição católica e logo cedo, aos dez anos, disse ao pai – que ia todos os dias à missa – de sua intenção de ser padre. Algo sobre o horizonte do ateísmo pode sentir somente quando já estava no mosteiro e, valendo-se de suas leituras sobre psicologia e da provocação dos argumentos de Feuerbach acerca de Deus como projeção das vontades humanas, permitiu-se interrogar: Será tudo isto imaginação? A aposta na fé foi mais forte (p. 27). Na luta com suas dúvidas, o beneditino não deixa de ponderar: “se rejeitasse Deus, recusaria igualmente a responsabilidade pela minha realidade pessoal e desviaria para outros a responsabilidade perante o mundo. Deus é, para mim, o Deus que me desafia, que me coloca no mundo para que eu assumo a minha responsabilidade por ele. Mas Deus é também aquele que sempre se subtrai a mim. Por isso, não posso possuir Deus nem falar dele de modo seguro. Persisto, porém, na abertura para Deus” (p. 34).

Bem outra é a experiência do padre Halík, nascido na Checoslováquia em tempos de ateísmo como religião de Estado. As verdades do ateísmo, ele as colocou em dúvida pelos dezesseis anos. No termo desta caminhada, chegou à fé cristã, antes passando pelo êxtase com a mística budista. Ajudaram-lhe muito na adesão ao cristianismo os livros de Chesterton. Numa peregrinação a uma igreja já semidestruída, buscando uma decisão final para sua fé ou não em Deus, o autor declara: “Não recebi, então, nem uma revelação nem uma iluminação espetacu-



lar, mas recitei o Pai-nosso e, no silêncio, respondi à minha pergunta: “Sim, creio” (p. 39). Obviamente, mergulhar no mistério da fé não faz com que se dissipem as dúvidas. Pelo contrário, para o padre, “quando, aparentemente, as dúvidas emudecem, despertam na minha fé questões críticas em face da simples angústia de ela estar talvez se aproximando dos recifes sedutores do fundamentalismo e do fanatismo”. Contando sua história pessoal, Halík diz como conheceu a Igreja, ainda nos tempos de repressão estatal, a “Igreja subterrânea”, na qual era vivo o ecumenismo, e como passou de “simpatizante” a “católico praticante”, com o auxílio do testemunho do padre Jirí Reinsberg. Foi ordenado padre na Igreja subterrânea, considerada ilegal, enquanto civilmente passava os dias como psicoterapeuta para alcoólicos e toxicodependentes. Após a queda do regime comunista, manteve a ligação entre o sacerdócio e a profissão civil, como pároco da comunidade acadêmica de Praga e professor da faculdade de filosofia na Universidade Carolina de Praga. Sentiu a diferença entre a vivência do cristianismo perseguido e o retorno do catolicismo oficial, num choque cultural com o conservadorismo. Entre as luzes e sombras do caminho, o padre Halík descobriu que as crises de fé são raios de luz que encaminham para uma vista nova. “Da fé espero não só respostas, mas também a coragem de persistir no espaço aberto da pergunta, na nuvem escura do mistério” (p. 78).

A experiência pessoal permitiu aos autores entender com maior profundidade o caminho trilhado pelas demais pessoas nas suas relações com Deus. E, entre crentes e descrentes, perceberam uma outra classificação para essas relações: o risco do *apateísmo*, como o designa o padre Halík. Trata-se daqueles que “não pensam em Deus nem sequer no modo de negarem sua existência” (p. 61). Daí a afirmação de muitos, “sou ateu”, para designar “não vou à igreja” ou “não tenho confissão religiosa”, já não cabe. O apateísmo já não busca mais. Trata-se do indiferentismo religioso, com raízes no agnosticismo iluminista, que afirmava não poder tratar das questões sobre a existência ou não de Deus, pela incapacidade do ser humano para esse horizonte. Indiferentismo religioso que atingiu a linguagem e colocou a questão de Deus na sombra, quando não a matou (p. 107). A postura agnóstica pode ser encarada, positivamente, como um ramo que se aproxima da teologia negativa mística; doutro lado, abriu espaço para o desinteresse por tudo o que não pode ser alcançado pela razão, incluindo Deus e a religião a ele unida. Outra postura, ao lado do apateísmo, é o humanismo secularizado, que conserva muitos valores advindos do horizonte do cristianismo, mas já numa postura totalmente



secular ou, por vezes, assume o viés do “alguisismo” – assim designa Halík, e explica: “O credo desta religião (ou, se quisermos, deste diletantismo religioso, desta religião simplesmente montada em casa) reza assim: não acredito em Deus, não vou à igreja, mas ‘há algo acima de nós’”. E conclui: “Esse ‘algo’ pode, decerto, para um teólogo, entender-se como um desafio, e vale a pena ser interpretado” (p. 71).

Caminhando – ao contrário dos que já não buscam –, crentes e ateus vivem sob o prisma do paradoxo no que diz respeito à fé, em que se faz “a experiência do trágico e da absurdidade como uma descrição verídica de um mundo desgarrado pelo pecado” (p. 78). Verdades que parecem ambíguas, mas que podem se harmonizar como sexta-feira santa e domingo de Páscoa, duas faces do mistério múltiplice. Aqui se pode encontrar, como alerta Grün, um ateísmo inteiramente aberto a Deus, mas que se protege das imagens de Deus demasiado palpáveis. Aqui se pode ver o “ateísmo do orgulho”, que nega Deus para se pôr em seu posto. Aqui também se podem entender as histórias pessoais que levam a posturas de descrença em Deus, especialmente a partir de histórias de dor, donde um “ateísmo sofredor”, com o qual se faz necessário acompanhar e, mesmo na absurdidade, viver solidariamente o mistério.

Buscar o mistério será pressentir, apalpar, ouvir, perguntar, admirar, interpretar, abrir-se. Posturas de acolhida, porque “quem procura está no caminho de Deus. [...] Dos crentes que julgam já conhecer e possuir Deus, importa fazer pessoas que novamente o buscam. E dos ateus indiferentes é necessário fazer ateus que se lancem na procura” (p. 96). A contraposição maior não está entre os que buscam, embora por caminhos diferentes, mas entre os buscadores e os acomodados, que fazem da vida um monólogo, ao invés de se disporem ao diálogo (p. 123).

Emerge, no entanto, um novo interesse pela espiritualidade: a face do terrorismo com viés religioso (mais divulgada pela mídia ansiosa de más notícias), mas também outros caminhos que direcionam para a mística, ou mostram a atuação da Igreja Católica na mediação de conflitos e as posturas do papa Francisco. E, ainda, a *New Age* e um caminho de espiritualidade laicizada, ao modo de meditação, com muita relação com a mística. Independente da forma, um apontamento para o fato de que, “nos momentos em que o mundo externo se expandiu em largura, emergiu também o interesse pela profundidade” (p. 113). Sair da superfície dos *mega shows* religiosos e da política populista, que transforma a vida em mercadoria barata, para adentrar a vida contemplativa, deter-se



na profundidade, e encontrar Deus em muitos pseudônimos, porque o Espírito sopra onde quer (p. 124-131).

É bastante interessante a listagem dos nomes a que Grün e Halík fazem referência: Nietzsche e Santa Teresinha (que Halík já havia citado em *Paciência com Deus*), Teresa de Calcutá e sua experiência da ausência de Deus, a experiência mística de Comte-Sponville, as personagens bíblicas Jacó, Jó, Pedro e os filhos mais novo e mais velho da parábola do filho pródigo, em quem vemos coragem e covardia. Noite escura e luz, seguimento e negação, sexta-feira santa e domingo da ressurreição. No paradoxo da fé, a possibilidade de crer e não crer.

“A fé se depara para nós como drama e caminho” (p. 162), uma experiência a ser trilhada, para muito além do universo conceitual. A nuvem, desde o Antigo Testamento, acompanha a experiência de Deus. E, quando a fé não é capaz de orar, a esperança ora por ela, e segue caminhando e buscando (p. 172).

Por fim, Anselm Grün, fundado na experiência de São Paulo no areópago, indica um caminho possível para o diálogo entre crentes e não crentes. Partindo do anseio e da busca será possível conversar sobre o mistério, onde ele toca em cada pessoa. A sabedoria da alma – como diz Jung – pode se abrir para Deus. E o diálogo pode se dar nos temas comuns: a história da religião, com seus acertos e abusos; a espiritualidade, a proteção do ambiente, a paz, a solidariedade, a cultura e a beleza. Num diálogo autêntico entre ateísmo e fé – como diz W. Nonhoff – há algo mais que um conflito entre palavras e conceitos. Este diálogo pode revelar a tragédia e a vantagem do ateísmo, e também a insegurança e a beleza da fé (p. 201). Um abraço de fé e descrença, do qual a cruz é símbolo (p. 216).